



“K – entre nós” – a Rádio Escola como instrumento de cidadania e veículo democrático de práticas comunicacionais¹

Felipe MENICUCCI²

Maristella PAIVA³

Maria Inês AMORIM⁴

Ana Paula NUNES⁵

Mônica BENTO⁶

Mariana AZEVEDO⁷

Kátia FRAGA⁸

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG⁹

Resumo

O presente artigo apresenta a experiência de um projeto de extensão para implantação de uma rádio escola, permitindo aos alunos de uma instituição estadual de ensino usarem a mídia radiofônica como canal de conversação livre, democrática e longe dos padrões comerciais. Através de produções radiofônicas próprias, estudantes e professores utilizam a rádio como ferramenta pedagógica complementar ao ensino em sala de aula e como canal de entretenimento. Dessa forma, ensinar através da mídia permite uma maior liberdade criativa aos alunos e inclusão de todos os agentes sociais presentes na escola.

Palavras-chave: rádio escola; educomunicação; cidadania

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na divisão temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Autor do artigo e estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. E-mail: felipe_lm@hotmail.com

³ Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. E-mail: maristellapaiva@hotmail.com

⁴ Estudante do 9º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. E-mail: inesfamorim@yahoo.com.br

⁵ Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. E-mail: aninhagomes.nunes@gmail.com

⁶ Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. E-mail: monik_bento@hotmail.com

⁷ Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. E-mail: marianaandrade88@hotmail.com

⁸ Professora orientadora do projeto, ministra a disciplina de Radiojornalismo e é Coordenadora de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV); mestre em Comunicação, Imagem e Informação pela Universidade Federal Fluminense – PPGCOM/UFF; Jornalista formada pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: katiafraga@ufv.br

⁹ O artigo é parte de um projeto de extensão da UFV, que tem como demais membros da equipe: Camila de Souza Caetano, Erik Ulisses Alves de Oliveira, Gisele Siqueira Gonçalves, Gustavo Fernandes Paravizo Mira, Monizy Amorim, Murilo Rodrigues Alves, João Vicente (funcionário UFV) e Ana Meneguelli (professora FAESA/ES).



Introdução

O ato de comunicar é algo natural do ser humano. Transmitir informações para os demais significava a continuidade da espécie e a preservação dos mitos e aprendizados. Uma das formas mais primitivas de comunicação é a linguagem oral, que ao longo do tempo se adaptou e ganhou novos meios de propagação. Esses meios permitiram um maior acesso ao conteúdo transmitido, e a comunicação ganhou novas atribuições, evoluiu com os estudos teóricos e se adaptou ao público-alvo.

Nesse contexto podemos incluir o rádio como um dos meios que se utilizam da antiga, porém sempre renovada, linguagem oral, como forma de funcionamento e que “através de uma oralidade direta, persuasiva e próxima, foi conquistando uma unanimidade nova e estimulando o imaginário dos ouvintes” (COSTA, 2005: 116). No rádio, uma ou mais pessoas falam para muitos, e essa popularidade faz do rádio um veículo de comunicação extremamente eficaz.

CHARAUDEAU (2006) afirma que o rádio é, por excelência, “a mídia da transmissão direta e do tempo presente”. Contudo, como o próprio autor confirma esse imediatismo não dá a liberdade para utilizar o rádio como mídia para conversação livre. Apesar de termos, entre os direitos dos cidadãos, o direito de comunicar, o acesso aos meios de comunicação ainda é restrito para a maioria da população, limitando-se à recepção das mensagens produzidas pelos grupos que detêm as concessões dos veículos. É preciso garantir a possibilidade de produção de conteúdo por parte daqueles que, normalmente, não têm voz no sistema formal de comunicação.

Com essa concepção, em 2007, professores e alunos da Escola Estadual “Doutor Raimundo Alves Torres” - Esedrat¹⁰ elaboraram um projeto solicitando ao Ministério da Educação (MEC) equipamentos eletrônicos para a instalação de uma rádio escola — caixas de som, mesa de mixagem, computador e microfones. A aparelhagem foi liberada, todavia, a falta capacitação técnica para os alunos da Esedrat inviabilizou a continuidade do projeto. Para cumprir as exigências estabelecidas pelo MEC a direção da instituição formalizou a parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV).

¹⁰ A escola em questão é referência na cidade de Viçosa, região da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, e possui cerca de 2500 alunos, separados em turnos matutino e vespertino. A faixa etária vai de 10 a 18 anos, o que caracteriza um público-alvo bem abrangente. O local no qual a escola se situa deve ser levado em consideração, uma vez que se encontra em uma das áreas mais violentas da cidade.



O Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV, dotado de infra-estrutura e com um corpo discente e docente habilitado, aceitou o convite e decidiu formatar o projeto de implantação, permitindo aos alunos que desenvolvessem o gosto pelo rádio e a capacidade de colocar no ar a rádio escola, denominada “K- entre nós”¹¹.

Educomunicação e mídia radiofônica

O uso dos meios de comunicação nas escolas como recurso didático se torna uma tendência no ensino no novo século por motivos que ultrapassam os limites da sala de aula. Segundo COSTA (2005) um dos fatores favoráveis do uso da rádio nas escolas é seu fácil manuseio e a utilização de recursos de pequena montagem que ele necessita. Os alunos não contam mais apenas com o conteúdo apresentado pelo professor. As informações vêm de outros meios, sob outras formas, e é preciso acompanhar a absorção dessas informações, para que elas sejam devidamente interpretadas.

GATTÁS E SOARES (2006) definem a prática da educomunicação como uma das soluções para os problemas enfrentados pelo ensino brasileiro. Ensinar através da mídia cria um diálogo entre a cidadania e as próprias práticas cidadãs em si, porque a educomunicação não se limita apenas ao ensino, mas também à prática dos veículos de comunicação.

Segundo as autoras, baseadas no “Relatório Delors” da UNESCO:

“...a educação é vista como aprendizagem que gira em torno do verbo ‘aprender’ e não do ‘ensinar’ e cujos pilares são: *aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente, *aprender a ser*, via social que integra as três precedentes.” (DELORS, J. *apud* GATTÁS E SOARES, 2006)

A educação integrada a um projeto educativo pode ser entendida como educação comunitária. CARNEIRO (1985) cita a educação como uma função social que valorize as pessoas da mesma sociedade. Assim, a escola resgataria os conceitos de comunidade, ao atuar *com* ela, e não *sobre* ela. A educação permanente democratiza as informações e o conhecimento e “implica um sistema completo, coerente e integrado, que oferece os

¹¹ O nome da rádio escola surgiu após uma seleção interna em que todos os membros da escola puderam votar na melhor opção.



meios próprios para responder às aspirações de ordem educativa e cultural de cada indivíduo, de acordo com suas potencialidades”. (CARNEIRO, 1985:16)

A prática da Comunicação Social tem um papel social muito importante dentro da comunidade. Todos os dias, pessoas lêem jornais, assistem a TV, navegam na Internet e ligam o rádio. O próprio ensino da comunicação já supõe uma extensão e aplicação prática daquele conhecimento, uma vez que o público-alvo de determinado veículo interfere diretamente na transmissão das mensagens de cada veículo. Logo, estender o saber serve como fonte de pesquisa, para determinar os efeitos que um veículo, aqui especificamente o rádio, tem sobre seu público – os ouvintes. Mas não é somente um estudo sobre a mídia. Um projeto de extensão contribui para o desenvolvimento da sociedade, como afirma Cicília Peruzzo:

“Se o homem ou a mulher, respeitando as individualidades e o pluralismo, exercerem o direito e o dever de participar ativamente da construção da sociedade, coletivamente, como sujeitos livres da história, estarão ajudando a transformá-la em um espaço e um habitat digno de sua espécie.” (PERUZZO, 1998, p.299)

Nesse caso, não se trata somente de entender a comunicação *in loco*. A parceria com o Esedrat é uma forma de ensinar um pouco da prática da comunicação para que ela não fique limitada a estudos acadêmicos, e sim se expanda às práticas feitas pela própria comunidade, com retornos para ela mesma.

Os meios de comunicação e a educação não podem ser vistos como campos de conhecimento distintos. Segundo CONSANI (2007), essas diferentes áreas do conhecimento “lidam com interações entre as pessoas, mediadas por agentes especializados”, que podem ser tanto o professor quanto o comunicador social. Ambos têm como objetivo aprimorar as relações sociais.

Aprender com meios de comunicação não ensina, entretanto, a apenas receber as informações dos programas de televisão ou radiofônicos, nem dos textos de jornal. Ao se conhecer a realidade de produção desses veículos, os alunos passam, também, a produzir essas informações. Com isso, eles deixam de estar somente na posição de espectadores dos conteúdos jornalísticos e de entretenimento e passam a ser produtores daquilo que eles mesmos irão consumir. Logo, a mensagem será melhor captada pelos semelhantes., uma vez que o sujeito da ação se utiliza da mesma linguagem. Participar da comunicação como sujeito



“é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se *sujeito* de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura.” (PERUZZO, 2001, p.121)

Num país repleto de desigualdades, se torna imprescindível o direito de exercer os direitos assegurados pela Constituição, sejam eles políticos, civis e, principalmente, sociais. Através da educação e da democratização dos meios de comunicação, os alunos serão cada vez mais sujeitos atuantes do que objetos da história. A rádio escola funciona como o princípio dessa tentativa.

A presença de uma rádio escola é pouco comum nas instituições de ensino do país. Já na década de 80, o rádio era o principal veículo de comunicação trabalhado nas escolas. Outros projetos já consolidados dão respaldo à implantação da primeira rádio escola da cidade de Viçosa, MG. ASSUMPÇÃO (2006) relata no artigo intitulado “Radio escola: *locus* de cidadania, oralidade e escrita” a experiência da implantação de uma rádio escola em Curitiba, no ano de 1994. A autora constatou que o rádio interferiu positivamente no processo pedagógico, possibilitando aos educandos o conhecimento e a construção de suas realidades sociais.

Ficou demonstrado, através de questionários, que os professores ficaram satisfeitos com o aumento do desempenho dos alunos, principalmente na escrita. Isso porque eles passaram a ter uma visão mais crítica da realidade. “Os dados da pesquisa confirmam as hipóteses levantadas de que a produção e a locução de programas podem contribuir para que o aluno (produtor/locutor) desenvolva a habilidade de produção de textos e fluência verbal” (ASSUMPÇÃO, 2006:9).

Ainda exemplificando, outros dois projetos foram de muita importância para a implantação da comunicação radiofônica no país. COSTA (2005), participou da coordenação pedagógica do *Educom.rádio*, voltado para a educação de São Paulo, e do *Educomradio.centro-oeste*, que cobria escolas de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Segundo a autora, o objetivo dos projetos era o de inserir a rádio nas práticas educacionais das escolas públicas. “As atividades envolviam a instalação de aparelhos de radiodifusão para a produção e divulgação de programas e a capacitação de grupos de alunos, professores e pessoas da comunidade no uso de meios de comunicação na escola”.



O rádio, portanto, é eficaz quando tomado como ferramenta pedagógica, mesmo que, para alguns, esteja defasado e não seja o preferido entre os jovens, visto os tantos outros meios mais modernos e atrativos, como a Internet. Mas deve-se levar em conta que “o fato de a comunicação radiofônica utilizar especialmente a linguagem verbal torna o uso de suas mensagens mais assimilável à prática educativa do que os demais meios audiovisuais” (COSTA, 2005:121).

Há que se levar em consideração, porém, que até mesmo o rádio se adapta para continuar vivo, visto o crescente uso de recursos do rádio na rede, como os *podcasts*. O rádio favorece a imaginação, tem um alcance – tanto geográfico quanto humano – considerável, e, principalmente, é um veículo de baixo custo e de uma produção simples, ou seja, mais fácil de ser implantado em uma escola que um estúdio de TV, por exemplo. Enfim, o rádio é uma forma de comunicação coletiva acessível e democrática.

São vários os benefícios de uma rádio escola. Desenvolver a oralidade talvez seja o mais simples deles, se considerarmos a complexidade de outras características. Dentre elas podemos citar o aprimoramento da escrita, que deve ser voltada para a linguagem radiofônica – o que exige do aluno um domínio de estruturas gramaticais e semânticas – e a aquisição de habilidades e atitudes que favoreçam o convívio em grupo. Além da capacidade de trabalhar em equipe, manifestar sua opinião e escutar a do outro. O uso do rádio em sala não deve se limitar, porém, apenas a audições de programas. Os alunos devem passar a produzir sua própria programação, para que esse recurso seja aproveitado da melhor maneira possível, em sua forma plena. Sobre o uso do rádio nas escolas, Marciel Consani afirma:

“Embora devamos reconhecer o valor de iniciativas históricas que buscaram transformar a radiofonia num instrumento de integração nacional dentro de uma abordagem educativa, consideramos que o momento atual não só permite que a escola produza seus programas de rádio (pela disponibilidade de tecnologia), como também nos obriga a dar ‘voz e vez’ aos discentes e a toda comunidade educadora” (CONSANI, 2007, p.18)

As tecnologias do rádio qualificam-no como eficaz instrumento educacional por se usar de recursos já familiares a professores e alunos: a comunicação oral, a transmissão do saber através da oralidade. Claro que não se pode ignorar outros recursos mais atuais, como a música e outras linguagens artísticas. Mas o didatismo e a função de prestação de serviços estarão sempre presentes na extensa lista de potencialidades da mídia radiofônica e sua relação com a educação.



A construção da “K - entre nós”

Para um pleno funcionamento da rádio escola, surgiu a necessidade de conhecer o ambiente no qual a escola se situa, o corpo docente, discente e funcionários, para mapear o tipo de público e formar a equipe que administraria a rádio. Um público muito diversificado exige uma pesquisa para poder entender os gostos e preferências, para a posterior elaboração da programação.

Para isso, os estudantes da UFV aplicaram 222 questionários – amostragem tanto de alunos quanto de professores – com perguntas simples para identificar a preferência musical, as informações de interesse do público, as atividades preferidas durante o recreio e em que a rádio poderia contribuir para o aprendizado. Esta última questão foi mais elaborada no questionário dos professores, para saber, de forma prática, como eles usariam a rádio para fins pedagógicos. Além disso, foi feito também uma identificação pessoal dos alunos, com o intuito de conhecê-los um pouco mais, sabendo o vínculo de cada um com a escola, além de nome e idade.

As respostas obtidas nos questionários foram fundamentais para a elaboração do projeto. No ensino fundamental – de 5ª à 8ª série – poucos tinham conhecimento da rádio escola, mas muitos se interessaram em participar, sugerindo temas para os programas. Já no ensino médio – 1º ano ao 3º ano – os alunos pouco consideraram a capacidade educacional da rádio. Sugeriram mais músicas e humor, para relaxarem durante o intervalo de aula.

O potencial comunicativo e o caráter informativo e educacional da rádio foram constantemente lembrados pelos alunos. Segundo eles, a programação deve unir humor com informações sobre a escola, a cidade e o país, uma vez que nem todos têm acesso a mídia impressa e televisiva, diferentemente do rádio, marcado pela maioria como principal veículo de comunicação.

De posse dos nomes dos interessados em compor a equipe de atuação na rádio, foram ministradas oficinas básicas, para aproximar a rotina de sala de aula com o radiojornalismo, apresentando a história do rádio, a importância de seu uso com fim pedagógico, os aspectos da mídia de massa e meios democráticos. A parte técnica das oficinas compreendeu a fase de operacionalização da mídia como locução, memorização e escrita para a elaboração dos roteiros dos programas, além entrevistas e reportagens.



Uma das oficinas de grandes descobertas e impacto para os alunos foi sobre a produção de *spots* de prestação de serviços¹². Cada grupo de alunos escolheu um tema de interesse da escola, como por exemplo, a preservação do patrimônio público e a conscientização ambiental. Após as indicações técnicas, os alunos gravaram os *spots*, que foram veiculados durante a programação diária. Dessa forma, os alunos aprenderam que é possível utilizar os meios de comunicação para informar e formar opiniões acerca de temas complexos, trabalhadas de forma simples e com a mesma linguagem dos jovens.

A programação da “K – entre nós” é variada, levando em consideração o funcionamento da rádio. São dois programas diários, com 20 minutos de duração cada, separados nos turnos matutino e vespertino, a serem veiculados durante o recreio, que, de manhã vai das 09h:30min às 09h:50min e à tarde das 15h:30min às 15h:50min. Ou seja, são 10 programas semanais, totalizando 3 horas e 20 minutos de programação.

A opção por fazer programas temáticos se deu devido à facilidade dos alunos de produzirem conteúdo para a semana, além de facilitar a identificação com o programa. A escolha dos temas foi previamente feita pelos alunos da escola, e seguirá as datas comemorativas do calendário, como forma de prever os conteúdos que serão abordados durante o ano. Temas como drogas, violência, vestibular, namoro na adolescência, política local e esporte são trabalhados na linguagem dos adolescentes, de forma dinâmica e interativa.

O roteiro ainda inclui outros quadros, dando mais dinamicidade ao programa. Quadros semanais fixos, como o de entrevista, dão voz a personagens da escola, que conversam com os âncoras ao vivo, direto do estúdio. Outra opção é a gravação de entrevistas com pessoas da cidade, mais especificamente da comunidade, criando um vínculo da escola com o bairro e a cidade. Outros quadros semanais buscam levar ao conhecimento dos ouvintes os talentos que a escola possui e um jogo em forma de *quiz*, para incentivar o aluno a estudar a matéria dada em sala de aula.

Já quadros diários, incluem notas jornalísticas e reportagens gravadas, curiosidades, esquetes de humor e uma caixa de recados e avisos, lido no final de cada programa. Durante todo o programa, uma caixa lacrada fica no pátio da escola, para que os alunos depositem os recados que são lidos ao vivo pelos locutores. Dessa forma, pretende-se alcançar uma interatividade entre toda a escola, pois além de se sentirem

¹² Essa oficina foi ministrada pela professora Ana Meneguelli, professora de radiojornalismo da FAESA/ES – Faculdades Integradas Espírito-santenses.



parte da rádio, os professores podem dar avisos na rádio, que cumpre assim, uma função de veículo de comunicação interna.

Para o lançamento da rádio, foi realizado um programa especial ao vivo, no pátio da escola, para a apreciação de todos os alunos, além de professores e autoridades presentes. A notícia foi amplamente divulgada por diversos meios de comunicação locais, contribuindo para motivar ainda mais a escola e mostrar aos alunos a importância de um veículo de comunicação interno que atinja também objetivos educativos. Além de reconhecer os membros da escola como produtores de cultura, e responsáveis por sua propagação de maneira democrática e liberal.

Após a implantação da rádio, com o funcionamento durante os intervalos de recreio da escola – tanto na parte da manhã quanto à tarde – foi possível perceber as dificuldades e limitações impostas à consolidação efetiva da rádio escola “K – entre nós”. A programação variada foi fator determinante para o sucesso da rádio, principalmente o quadro de “avisos e recados”, no qual os alunos participaram intensamente. As músicas tocadas foram importantes para os alunos aceitarem a rádio imediatamente, porém, foi uma das dificuldades encontradas.

Isso se deu porque a diversidade da escola é grande demais, e a presença de várias “tribos” diferentes contribui negativamente quando essas mesmas “tribos” não respeitam as diferenças dos outros membros da escola.

Considerações finais

O uso da rádio como ferramenta pedagógica, como foi explicitado acima, é de extremo auxílio para as escolas públicas brasileiras. Partindo do princípio da oralidade, os alunos podem se informar de maneira mais descontraída e aprender de uma forma menos convencional.

O projeto de extensão, fruto do convênio entre a Universidade Federal de Viçosa e a Escola Estadual “Doutor Raimundo Alves Torres” contribuiu para uma nova dinâmica no ambiente escolar, tendo a auto estima como tônica principal. Ao invés de fazer parte de noticiários de violência e falta de estrutura, entre tantos problemas rotineiros em instituições de ensino, a escola se destaca como modelo social e cultural. A equipe da rádio escola passou a se sentir importante na comunidade escolar, nos bairros vizinhos e no seio de sua família.



A rádio escola, portanto, cria um vínculo identitário entre os alunos e a escola, principalmente, porque para pesquisar e produzir os programas, os integrantes da rádio escola ficam mais tempo na instituição. Já que as etapas de produção e roteirização são feitas fora do horário de aula, para não prejudicar o aprendizado. No início do ano letivo de 2009, mais estudantes procuraram os capacitadores para fazer parte da equipe da rádio escola.

Os estudantes do curso de comunicação social/ jornalismo da UFV, orientados por professores do projeto, capacitaram em 2008 os primeiros integrantes da rádio escola orientando como o aprendizado pode ser feito de maneira lúdica, reconhecendo os membros da escola como produtores de sua própria cultura, ao utilizarem a linguagem radiofônica para que os alunos tratem de assuntos ligados às suas realidades e melhorem a comunicação interna da escola.

Vários professores do Esedrat mostraram interesse e já apresentaram novas idéias para utilizar as produções como ferramenta de estímulo para aprendizagem de suas disciplinas. A ficção já foi apontada como uma estratégia atrativa para a difusão de informações. Estudantes e professores da universidade e da escola de ensino fundamental e médio demonstram com este projeto que é possível construir um canal de comunicação democrático, educativo e de entretenimento capaz de promover a valorização de jovens, a auto-estima da comunidade escolar e a consolidar o exercício pleno da cidadania.

Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias** (trad. Ângela S. M. Corrêa), São Paulo: Contexto, 2006.

PERUZZO, C. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. 342p.

_____. **Comunicação comunitária e Educação para a cidadania**. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, vol 3, nº 1, p. 112-128, São Leopoldo – RS, setembro de 2001.

ASSUMPÇÃO, Z.A. **Radioescola: locus de cidadania, oralidade e escrita**, Ponta Grossa, PN: UNIrevista, v. 1, n. 3, p. 1-10, 2006.

FERRARETO, L.A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**, 3 ed, Porto Alegre: Doravante, 2007.



VYGOTSKY, L.V. **Pensamento e Linguagem** (trad. M. Resende), 42 ed, Lisboa: Antídoto, 1979.

COSTA, C. **Educação, imagem e mídias**, São Paulo, SP: Cortez Editora, 2005. 198 p.

CARNEIRO, M. A. **Educação Comunitária: Faces e Formas**, Petrópolis: Vozes, 1985.

CONSANI, M. **Como usar o rádio na sala de aula**, São Paulo: Contexto, 2007. 181p.

GATTÁS, C.L.M.E, SOARES, M.S.P. **Projeto Educom. Geração Cidadã; a educomunicação em ação**, São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006. Acessado em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19303/1/CarmenL%C3%83%C2%BAciaMelgesEliasGatt%C3%83%C2%A1s.pdf/>